

A Tragédia da Heterossexualidade: Uma conversa com Jane Ward

Daniel Boianovsky Kveller¹

Thalita Cruz Bastos²

Jocimar Dias Jr.³

Júnia Matsuura⁴

Diana das Neves⁵

Matheus Odorisi⁶

Pedro Pinheiro Neves⁷

Mariana Ramos⁸

Bruno Reis⁹

Resumo: Entrevista com Jane Ward, professora de Estudos Feministas na Universidade da Califórnia Santa Bárbara, realizada em 2021 pelo coletivo de estudos transdisciplinares Héteras Trágicas. Em *The Tragedy of Heterosexuality* (2020), seu último livro e principal tema desta entrevista, Ward investiga as problemáticas relacionadas à experiência heterossexual no XXI e o que as pessoas heterossexuais podem fazer para reinventar seus laços de intimidade, amor e desejo.

Palavras-chave: heterossexualidade; estudos queer; estudos de gênero.

¹ Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do curso de psicologia da Faculdade Dom Bosco. dkveller@gmail.com

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. Professora dos cursos de Cinema e Audiovisual da Universidade Veiga de Almeida e do Instituto Infnet. Professora do curso de Comunicação Social - Jornalismo no Centro Universitário Augusto Motta. tatacbastos@gmail.com

³ Doutor em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense. jocimardiasjr@gmail.com

⁴ Mestre em Estudos de Cinema pela Universidade Livre de Berlim. matsuura.junia@gmail.com

⁵ Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. diananev@yahoo.com.br

⁶ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. modorizi@gmail.com

⁷ Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

pedropinheiro@gmail.com

⁸ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. marirvs@gmail.com

⁹ Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense.

breislima@gmail.com

Jane Ward é professora de Estudos Feministas na Universidade da Califórnia Santa Bárbara. Em *The Tragedy of Heterosexuality* (2020), seu último livro e principal tema desta entrevista, Ward investiga as problemáticas relacionadas à experiência heterossexual no XXI e o que as pessoas heterossexuais podem fazer para reinventar seus laços de intimidade, amor e desejo. Em publicações anteriores, a autora explorou tópicos como o significado de sexo entre homens heterossexuais, infância e paternidade queer, a evolução da cultura heterossexual, a corporatização dos festivais de orgulho gay, a política racial do casamento homossexual, a construção social da branquitude, pornografia feminista e relacionamentos trans.

A entrevista a seguir foi realizada em março de 2021, de maneira remota, por um coletivo de estudos transdisciplinares nomeado Héteras Trágicas. Nosso coletivo surgiu durante a pandemia por uma vontade de continuar alimentando nossas pesquisas por meio da leitura e discussão sobre estudos de gênero e sexualidade. A obra de Ward nos estimulou a pensar criticamente sobre a heterossexualidade enquanto identidade e instituição, de forma a voltar nosso olhar crítico para a população heterossexual e não apenas para as assim chamadas dissidências sexuais.

Coletivo: Jane, gostaríamos de lhe agradecer por ter aceitado conversar conosco hoje. Estamos muito contentes de poder falar um pouco desse livro que foi tão inspirador e provocativo para nosso grupo de estudos. Bem, gostaríamos de iniciar traçando um paralelo entre *The Tragedy of Heterosexuality* e *A Invenção da Heterossexualidade*, de Jonathan Ned Katz (1996), estudado pelo nosso grupo anteriormente. Se o trabalho de Katz se concentrou em montar um inventário cronológico dos usos e significados do termo "heterossexualidade" ao longo dos anos, argumentando que seu desenvolvimento se deu em oposição ao termo "homossexual", seu livro mostra que as próprias bases da cultura heterossexual, como os rituais de cortejo, estão fundadas em desigualdades de gênero que não são resolvidas – na verdade, são aprofundadas – pelos dispositivos

culturais que supostamente deveriam tornar as coisas mais fáceis, como livros de autoajuda. Como você vê seu trabalho nesse projeto contínuo de desenvolver uma abordagem crítica à heterossexualidade? Quando e como você passou a ver a heterossexualidade como uma tragédia?

Jane Ward: Isto é incrível, estou tão feliz de estar conhecendo todos vocês. Obrigada por me convidarem, sinto-me muito honrada. Bem, acho que estamos assistindo à emergência de um campo que poderíamos chamar de Estudos Críticos da Heterossexualidade, para o qual estou interessada em contribuir, e que trata de historicizar e desnaturalizar a identidade heterossexual, revelando-a como uma invenção patriarcal, política, econômica, colonizadora e eugênica que surgiu no final do século XIX. É claro que isso é distinto das práticas heterossexuais, mas estou falando sobre heterossexualidade como uma identidade. Quando se conhece essa história, como nos apresenta Katz, você vê que a heterossexualidade como categoria sexual e como instituição foi violenta, desumanizadora e disfuncional desde o início. É isso que eu quero dizer com tragédia: não podemos Tornar a Heterossexualidade Grandiosa Novamente (*Make Heterosexuality Great Again*), usando o linguajar de Donald Trump, porque nunca foi grande. Acho que os Estudos Críticos da Heterossexualidade estão seguindo o caminho de outros dois subcampos, os Estudos da Masculinidade e os Estudos da Branquitude. E acho que precisamos ter cuidado para não seguir o modelo estabelecido pelos Estudos dos Homens. Esse subcampo, pelo menos nos EUA, sempre foi dominado por brancos estudando a si mesmos e muitas vezes confundindo masculinidade com homens, reforçando assim uma compreensão binária ou bioessencialista de gênero. Houve um deslocamento desde os Estudos da Masculinidade, que deveriam incluir a masculinidade feminina, para os Estudos do Homem – e até mesmo para discursos dos direitos dos homens. Algumas revistas tratam os homens como um grupo bioessencialista e buscam estudar as formas pelas quais foram vitimizados. Acho que precisamos nos preocupar com isso, pois eu não gostaria

de ver um punhado de homens heterossexuais se reunindo em uma conferência sobre estudos da heterossexualidade sem que houvesse uma intervenção crítica à própria noção de heterossexualidade. Devemos avançar pensando nos Estudos Críticos da Branquitude, que entendem a branquitude como uma formação cultural inseparável da supremacia branca e que se utilizam dos estudos étnicos críticos como quadro de análise. Eu acho que esse deve ser o nosso modelo para os estudos da heterossexualidade. E direi uma última coisa: também acho que precisamos reconhecer que muitas pessoas negras, indígenas e outras pesquisadoras racializadas têm se envolvido há muitas décadas no que agora chamamos de Estudos Críticos da Heterossexualidade, embora talvez não sob esse nome particular. Incluiria aqui estudos que investigam como os sistemas binários de gênero e sexualidade têm sido tecidos junto aos projetos colonialistas de supremacia branca. Estou pensando em Hortense Spillers, Siobhan Somerville, Eve Tuck e Maile Arvin, autoras que realmente estão revelando as raízes colonialistas da binariedade de gênero, pelo menos aqui na América do Norte, e de uma maneira que deve ser, na minha opinião, elementar para os estudos críticos de heterossexualidade.

Coletivo: Enquanto líamos *The Tragedy...*, ficamos tão entusiasmados que compartilhamos algumas frases do livro no *Instagram*. Uma de nossas amigas, que é uma mulher branca heterossexual de esquerda, respondeu enfaticamente que o verdadeiro inimigo não é a heterossexualidade, mas o patriarcado. Quais são as diferenças, em termos teóricos e políticos, entre a tragédia do patriarcado e a tragédia da heterossexualidade?

Jane Ward: Eu diria, em primeiro lugar, que eu gostaria de falar português para poder ter dialogado diretamente com sua amiga. Eu tentei responder essa questão no livro, mas acho que talvez precise de mais elaboração. Em poucas palavras, o patriarcado e a cultura heterossexual não são a mesma coisa, embora, por vezes, se sobreponham.

Quando falamos de patriarcado, estamos falando de sistemas de Estado, práticas institucionais e culturais que fornecem aos homens poder e autoridade sobre as mulheres. Portanto, estamos literalmente pensando de maneira unidirecional, de cima para baixo. Quando falamos da cultura heterossexual, estamos falando de algo mais mútuo ou bidirecional, e eu acho que as mulheres têm mais agência na criação dessa cultura. Portanto, acho que a heterossexualidade difere do patriarcado em alguns aspectos. Um deles é que há uma presunção na cultura hétero de uma identidade ou orientação sexual compartilhada, à qual tanto mulheres quanto homens têm acesso igual. Ao contrário do poder patriarcal, a identidade hétero está igualmente disponível a mulheres e homens e traz certos tipos de recompensas, diferentes consoante ao gênero, é claro, mas ainda assim recompensas. Outra diferença importante é que o patriarcado é um sistema antigo, enquanto a cultura heterossexual é uma invenção moderna, majoritariamente desenvolvida no século XX. A heterossexualidade formou-se junto à ascensão da sexologia, da psicologia, da neurologia, da genética, dos movimentos *New Age*, de tal forma que a compreensão comum sobre a heterossexualidade é realmente inseparável desta noção muito recente de que pessoas nascem com uma orientação sexual genética, biológica. E, por último, eu diria que a cultura heterossexual serve como o braço íntimo, erótico e romântico do patriarcado. A tragédia da cultura heterossexual é que ela cultivou e erotizou a noção de que homens e mulheres são compelidos biologicamente um para o outro, de que seu destino está envolto um no outro, de que são completados um pelo outro, de que sua felicidade deve ser apreciada dessa maneira. Então, sim, absolutamente, estes dois conceitos estão conectados. Mas precisamos tensionar ambos, porque, se não o fizermos, faltará muita coisa.

Coletivo: Você argumenta que não é estratégico usar o argumento "nasci assim" e que ser *queer* pode ser uma escolha, talvez a única razoável. Quando pensamos na tragédia, como no teatro grego antigo, falamos sobre algo que é inevitável, algo que está

construído na forma como a sociedade está organizada e que só pode levar à perda e à dor, mas também como algo contra o qual vale a pena lutar. É essa sua posição sobre ser *queer* nesta sociedade?

Jane Ward: Sim. Na verdade, acho que “estratégico” é exatamente a palavra para o argumento "nasci assim" – pelo menos da forma como o vejo ser usado por gays e lésbicas ou pelo movimento gay e lésbico hegemônico. Algo pode ser muito estratégico politicamente e, ao mesmo tempo, completamente impreciso. Acho que é esse o caso. As pessoas amam o argumento "nascemos assim" porque acreditam ser uma boa forma de argumentar em favor dos direitos humanos e que será mais compreensível para pessoas heterossexuais. Basicamente, é como se dissessem: não podemos mudar nossa orientação sexual, é imutável como a raça. E, pelo menos nos EUA, essa é a retórica dominante no marco dos direitos civis, utilizada para qualquer tipo de reivindicação por reconhecimento. É como se dissessem ser preciso estender direitos às pessoas porque nasceram com essa forma de diferença. Se pudessem mudar, mudariam, mas não podem. Há tantos problemas com essa lógica! É profundamente heteronormativa! E simplesmente não parece verdadeira para muitas pessoas. Há pesquisas indicando que homens gays são muito mais propensos a se identificar com argumentos bioessencialistas do que mulheres lésbicas. E uma das coisas que sabemos é que o movimento Lgbtq+ hegemônico muitas vezes adota narrativas sexuais que parecem verdadeiras para homens gays - ou que ressoam entre homens gays - e então generaliza para todos os outros. Mas voltando à questão da tragédia, parte do que estou argumentando é que a cultura heterossexual é uma armadilha construída para beneficiar mais os homens do que as mulheres. É podre até o núcleo e, nesse sentido, trágica, mas isso não significa que não possa ser mudada. Tampouco acredito que isso signifique que todos precisem se tornar Lgbtq+. Na verdade, dediquei o último capítulo a discutir como "queerificar" as pessoas heterossexuais pode não ser a melhor abordagem. Eu defendo a adesão ao que chamei de "heterossexualidade profunda". Acredito que

precisamos de uma nova forma de alcançar homens e mulheres heterossexuais, pois a noção de heterossexualidade queer ou a ideia de que a queeridade (*queerness*) não é sobre o gênero das pessoas com quem você tem relações sexuais, mas sobre uma postura política de oposição à normatividade de gênero e sexual, está presente desde os anos 1990 e não está ajudando as mulheres heterossexuais a melhorarem suas condições em relacionamentos heterossexuais.

Coletivo: Em cada um dos capítulos de seu livro, você adotou um método diferente para abordar a tragédia heterossexual, tais como participar de cursos com especialistas da paquera (*pickup artists*), analisar livros de autoajuda sobre diferenças de gênero, entrevistar alguns de seus alunos queer sobre seus pensamentos sobre o estilo de vida heterossexual. Esse tipo de abordagem múltipla é o que você chama de métodos sapatão/queer (*dyke/queer methods*) em seu artigo com o mesmo nome (WARD, 2016)? Você pode falar mais sobre esse método e sua relação com o processo de escrita de *The Tragedy of Heterosexuality*?

Jane Ward: Essa pergunta me faz pensar em Jack Halberstam e naquilo que ele chama de teoria baixa (*low theory*). Sim, eu acho que é, há uma relação com os métodos sapatão, mas quando escrevi aquele artigo estava pensando especificamente em abordagens teóricas e metodológicas adotadas por lésbicas e outras mulheres queer e recebidas com muito rechaço por homens gays. Acho que é útil aqui olharmos para a genealogia dos estudos queer e dos estudos gays e lésbicos que os precederam. A primeira grande mudança foi o surgimento dos estudos gays e lésbicos, focados em coletar dados sobre a vida gay e lésbica que poderiam ser usados para desestigmatizar essas populações ou para aumentar a tolerância da sociedade. Esses estudos buscavam respostas para perguntas do tipo: onde as pessoas gays e lésbicas vivem? Que tipo de discriminação as lésbicas sofrem no trabalho? Como é ser pai/mãe gay/lésbica? A maioria dos dados era apenas descritiva e qualitativa, e acho que muitos homens gays,

em particular, estavam ligados a esse modelo porque achavam que só esse tipo de trabalho sociocientífico poderia realmente melhorar o estatuto legal de pessoas gays e lésbicas, e essa era a prioridade. Vimos então uma mudança para os estudos queer, muito influenciados pelo ativismo queer, e para os quais a questão já não consistia em buscar legitimação, mas dizer: “Sim, somos fora da lei. Sim, vivemos de maneira diferente. Não queremos ser como vocês”. Isso foi ameaçador para muitas pessoas que estavam apostando em uma política homonormativa de assimilação. Mas depois disso, outra mudança aconteceu, que foi a mudança dos estudos queer para os estudos feministas queer. Muito do trabalho inicial nos estudos queer era composto por meditações psicanalíticas sobre subculturas gays masculinas ou sobre arte gay masculina, esse tipo de coisa. E o que aconteceu mais tarde nos anos 2000 é que começamos a ver um envolvimento mais crítico com o problema do gênero na totalidade. Algumas teorias e métodos sapatão já estavam presentes no trabalho de Judith Butler, mas depois surgem figuras como Eve Sedgwick, Jack Halberstam, Sara Ahmed e Robyn Wiegman, que se tornam centrais na área. Isso começou a afastar a narrativa do controle de homens gays, de modo que eles não fossem mais os únicos a contar a história sobre o significado e as implicações políticas da queeridade. Depois da publicação do meu livro *Not Gay: Sex Between Straight White Men* (2015), homens gays escreveram para mim e me chamaram de vadia, cadela, idiota e outras coisas. Isso não ocorre apenas em resposta ao meu trabalho, mas também demonstra como eles se sentem ameaçados pela voz que as lésbicas agora têm nos estudos queer e pelo fato de que escritoras lésbicas agora são centrais no cânone dos estudos queer. Eles acham que o trabalho é muito teórico ou abstrato, muito centrado em questões culturais e interseccionais, e querem um retorno ao que consideram ser uma abordagem gay mais politicamente eficaz.

Coletivo: Como você encontrou esse caminho para navegar entre as diferentes manifestações da tragédia heterossexual?

Jane Ward: Eu propus um curso chamado "Abordagens Críticas à Heterossexualidade" antes de começar a escrever *The Tragedy of Heterosexuality*, então eu já estava ensinando sobre o tema e de muitas maneiras o livro segue a trama daquele curso. Posso dizer que os estudantes queer acharam o curso profundamente terapêutico, realmente adoraram. Acho que foi um alívio para eles em muitos níveis. É um alívio não ter o olhar crítico pesando sobre seus corpos; o olhar é desviado para as pessoas heterossexuais. Muitos estão no processo de sair do armário, e tudo o que ouvem é que suas vidas serão solitárias, deprimentes, ou o que for. E a proposta de estudar a heterossexualidade realmente inverte a lógica de uma forma muito poderosa. O principal desafio para mim quando me propus a escrever era que eu queria que a experiência de leitura tivesse esse mesmo efeito para leitores queer, mas também queria falar com pessoas heterossexuais. Então eu diria que as perguntas que tive que desenvolver mais foram: Como quero falar mais amorosamente com pessoas heterossexuais? Como quero convidá-las, em vez de culpá-las? Como quero expressar solidariedade a elas? E a forma como consegui fazer isso foi retornar aos textos feministas lésbicos iniciais que tinham essa proposta afetiva. E depois o resto foi tipo: para onde preciso ir? Eu sabia que queria estudar e rastrear a história de livros de autoajuda e olhar para a forma como a tragédia estava afetando os homens em particular, então é por isso que fui parar nos especialistas da paquera. Eu também queria compartilhar com as pessoas heterossexuais a visão de pessoas *queer* sobre a cultura heterossexual e, honestamente, uma grande motivação para mim foi o cansaço com a ideia de que pessoas queer desejam ser heterossexuais! Não faz sentido para a minha própria vida ou para a maioria das pessoas que eu conheço. Nós realmente sentimos muita preocupação, às vezes pena, e às vezes repulsa como observadores da vida

heterossexual, e eu queria poder compartilhar isso com as pessoas heterossexuais, para que elas pudessem se afastar de seus sentimentos de preocupação conosco!

Coletivo: Obrigado pela generosa resposta, nós compartilhamos esse sentimento de alívio em ver o foco sendo deslocado. A próxima pergunta é sobre religião: o terceiro capítulo, em que você analisa os cursos intensivos com especialistas da paquera, nos leva a pensar sobre outros instrumentos que nossa sociedade usa para fazer o que você chama de "trabalho de gênero" (*gender labor*) – o trabalho que as pessoas heterossexuais devem fazer para viver na heteronormatividade, ao mesmo tempo em que vivem o paradoxo da misoginia. No cenário brasileiro, as igrejas têm uma grande função neste trabalho, garantindo, através do conceito de família nuclear, que homens e mulheres possam viver juntos, apesar de se odiarem. Qual é o papel da religião institucionalizada em manter a heterossexualidade trágica no cenário norte-americano?

Jane Ward: Essa é uma ótima pergunta. Vou falar de maneira geral, já que não sou especialista em estudos da religião. Acho que as instituições religiosas se esforçam para convencer os casais heterossexuais de que ficar juntos em um casamento ou em uma parceria é sobre algo muito maior do que eles próprios. Pode ser sobre cumprir a vontade de Deus ou seguir algum tipo de plano divino para homens e mulheres. Acho que a maioria das religiões mundiais também glorificam o sofrimento nobre e o sacrifício de maneiras que as mulheres, em particular, podem se valer para encontrar algum sentido e status dentro do contexto de uma parceria heterossexual injusta e infeliz. Acho que vocês estão absolutamente corretos em destacar a religião como uma espécie de bálsamo que ajuda a atenuar o paradoxo da misoginia. A pergunta também me faz pensar um pouco em Denise Candiotti, uma feminista turca, e em seu trabalho sobre o contrato patriarcal, porque ela fala sobre como as mulheres encontram maneiras de obter certo respeito e poder sob condições patriarcais, por exemplo, reivindicando seu poder sobre as mulheres mais jovens da família, uma vez que talvez o poder

limitado a que têm acesso seja o de ser a mulher mais velha na família, então elas se apegam fortemente a esse poder. Mas a religião oferece outra forma de poder para as mulheres, o poder da pureza moral, por meio do qual podem afirmar sua bondade em relação a mulheres "ruins", e uma maneira de afirmar sua bondade é ficar ao lado do seu homem, permanecer casada pelo bem dos seus filhos. Tenho certeza de que há uma série de outras maneiras. Acho que a religião oferece a muitas mulheres heterossexuais um senso de respeitabilidade e significado que pode compensar ou até mesmo transcender as misérias de suas relações com os homens. Claro que não precisa ser assim, mas acho que as mulheres estão operando sob condições de muita restrição, e a religião é um lugar para se aliviar.

Coletivo: Em *The Tragedy...*, você escreve sobre o ressentimento que as pessoas hétero, especialmente dentro da classe trabalhadora pobre, muitas vezes experimentam em relação às pessoas Lgbtq+ que não seguem o caminho do sacrifício necessário para manter uma família convencional. Você acredita que esse tipo de ressentimento possa ter impulsionado a ascensão da extrema-direita que vemos no Brasil, nos Estados Unidos e em diversos outros países?

Jane Ward: Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha solidariedade – sinto muito pela eleição de Bolsonaro, de certa maneira sei como é isso... Sim, absolutamente, acho que essa conexão está correta, em parte porque isso se tornou bastante transparente em algumas das mensagens de ódio que recebi após a publicação do livro. A mídia conservadora deu destaque para o livro, o que fez com que muitos misóginos me enviassem mensagens ameaçadoras realmente horríveis. Mas uma das características em comum nessas mensagens, que as tornou um pouco mais complexas e que até me fez sentir alguma empatia pelos seus autores, é que se referiam a mim como parte de uma

"elite costeira¹⁰", apontando que eu tinha segurança no emprego enquanto eles não tinham, e expressando uma ideia de que eu estava ganhando muito dinheiro para espalhar ideias feministas absurdas e ridículas. Então não era apenas uma discordância em relação ao conteúdo do livro que estava sendo expressa nessas mensagens, havia também o grito de pessoas que se sentiam injustiçadas porque supostamente intelectuais têm segurança no emprego enquanto trabalhadores não têm. Agora, de maneira nenhuma isso é uma desculpa justa para alguém me escrever mensagens com coisas violentas sobre meu corpo ou ameaças a mim e a minha família, absolutamente não! Mas eu acho que precisamos estar cientes do contexto político-econômico mais amplo em que esta reação está ocorrendo. No livro, também falo sobre como a cultura de sofrimento nobre e sacrifício da classe trabalhadora está vinculada à questão religiosa sobre a qual estávamos falando. Eu acho que religião e um *ethos* da classe trabalhadora estão muito conectados aqui nos Estados Unidos e trabalham juntos para normalizar as misérias das vidas de mulheres heterossexuais. É por isso que a campanha pela heterossexualidade se torna tão importante. Muito trabalho cultural é investido para tentar convencer mulheres heterossexuais de que a heterossexualidade vai torná-las felizes; se não forem felizes, a culpa é delas, de algum problema psicológico individual que pode ser corrigido; e, se ainda não estiverem felizes, devem aceitar que sua própria felicidade não é a coisa mais importante e que devem priorizar a felicidade das outras pessoas. Claro, mesmo com esse escoamento, acredito que o ressentimento, a melancolia heterossexual, aquele anseio não-lamentado-porque-não-reconhecido por algo mais, não desaparece realmente. Eu acho que vaza de algumas maneiras e uma dessas maneiras pode ser a hiper-performance do orgulho em práticas tradicionalistas. Essas pessoas estão realmente tentando convencer o resto de nós e a si mesmas de que sua miséria tem significado.

¹⁰ "Termo utilizado pela direita conservadora americana para se referir a um suposto grupo de pessoas com alta qualificação educacional e de classe alta nas cidades da costa oeste ou nordeste dos EUA, com opiniões políticas liberais e possuidoras de vantagens em comparação à maioria dos americanos comuns".

Coletivo: Seu livro tem como foco a tragédia da heterossexualidade, mas também menciona os privilégios de ser hétero, benefícios especialmente significativos para pessoas marginalizadas (como mulheres racializadas), para as quais relacionamentos heterossexuais normativos permitem acesso a formas de respeitabilidade e legibilidade cultural que não são fáceis de adquirir em nossa sociedade. Você acha que é possível conciliar uma crítica radical das instituições da heteronormatividade com esta realidade, especialmente em um contexto de crescente instabilidade política e econômica e de privação de direitos, no qual a segurança oferecida por formas de vida mais tradicionais exerce, compreensivelmente, uma forte atração?

Jane Ward: O problema é que essas formas de vida tradicionais não estão de fato oferecendo a segurança que prometem. Eu me apoio bastante no trabalho de uma escritora feminista negra, Brittney Cooper, que diz: “nos foram prometidos a nós, mulheres negras, os privilégios da heterossexualidade, mas estes simplesmente não nos foram entregues, eles nos escaparam”. Eu acho que a pergunta que vocês estão fazendo é mais bem respondida por mulheres queer racializadas, e é por isso que, no livro, eu tento me apoiar bastante nos escritos delas. Na minha leitura, o que a obra delas diz é que se, por um lado, ser queer põe mulheres racializadas (também mulheres pobres e mulheres com deficiências) em risco de certas formas de discriminação e violência, também retira as mulheres do risco diário de violência íntima nas mãos de um parceiro homem e pode ajudá-las a se inserir em comunidades queer nas quais as redes de cuidado não são compulsórias – porque na vida heterossexual você é meio que obrigada a cuidar de outras pessoas, mas no mundo queer o cuidado, eu acho, é em geral menos marcado por gênero e, novamente, não-compulsório, não baseado em estereótipos de gênero, mas ancorado em amizade e ajuda mútua. Então eu diria que o que eu vejo, na verdade, é bem mais segurança, especialmente em tempos de precariedade, porque comunidades queer muitas vezes já têm redes ocultas de cuidado íntimo, fora do âmbito

governamental, e essas redes podem ser ativadas para cuidar de pessoas quando o Estado falha.

Coletivo: Sua crítica se concentra nas práticas degradantes da cultura heterossexual e argumenta que os heterossexuais têm muito a aprender com pessoas queer, especialmente com as mulheres lésbicas queer. Você inclusive dedica um capítulo inteiro ao depoimento de pessoas queer criticando o comportamento heterossexual e contrastando-os com suas próprias práticas de alegria queer. Porém, em muitos momentos, aqueles de nós que são queer não pudemos deixar de nos perguntar se alguma parte da tragédia não teria sido infligida a nós, em nossas relações não-heterossexuais. Você acha que há uma "necessidade" de pensar sobre a tragédia da homonormatividade como um desenvolvimento deste trabalho? Ou a crítica deve ser inerentemente dirigida à heterossexualidade, entendendo os outros casos como meras reproduções de práticas e visões de mundo heterossexuais?

Jane Ward: Eu acho que ainda não sei a resposta. Como mencionei antes, a tragédia da heterossexualidade não se resume ao tratamento ruim que os homens dedicam às mulheres, porque as pessoas queer às vezes também se tratam muito mal. A tragédia da heterossexualidade é a forma como ela é manipulada desde o início. A categoria em si foi definida por autoridades masculinas que acreditavam que o patriarcado era a ordem natural das coisas, e que continua sendo ancorada em uma cultura heterossexual que trata o egoísmo, a pretensão e a fragilidade dos homens como inevitáveis, e de alguma forma atraentes. A cultura heterossexual também gosta de tratar o antagonismo, o desgosto mútuo e a desconfiança como elementos excitantes e atraentes do desejo heterossexual. Todas essas coisas são vistas como parte do mistério da atração pelo sexo oposto. Eu realmente acho que a subcultura queer é bastante diferente disso, especialmente a subcultura lésbica. Claro, há imbecis na cultura lésbica, mas a cultura não é definida pela misoginia e pelo binário de gênero. Podemos ter problemas nas

relações, mas não os analisamos nesses termos, não justificamos os problemas com diferenças de gênero inatas para depois simplesmente encolhermos os ombros e aceitarmos que essa é a ordem natural das coisas. Os relacionamentos lésbicos não são prejudicados por caricaturas misóginas tais como "a patroa" ou "a esposa tagarela". Não há uma montanha de livros de autoajuda para nos ensinar que nossas relações são naturalmente difíceis porque somos tão diferentes umas das outras que poderíamos ser de planetas diferentes. Sim, temos problemas interpessoais em espaços queer porque somos humanos, e humanos erram. Mas é muito importante considerar a formação cultural ao nosso redor, o que possibilita e quais são as suas restrições. E eu realmente acredito que temos evidências tremendas de que a cultura queer, especialmente os espaços feministas queer – espaços realmente infundidos com uma ética feminista lésbica, o que às vezes falta na subcultura gay masculina – têm muito potencial para nos ajudar a desenvolver outras formas de resolução de conflitos. Se olharmos – nos Estados Unidos, pelo menos – para quem está trabalhando na vanguarda da justiça transformativa, organizando projetos de ajuda mútua e até mesmo trabalhando pela abolição penal e alternativas à polícia, encontraremos mulheres queer racializadas liderando esses movimentos e teorizando sobre tais estruturas e possíveis alternativas, o que não me parece ser uma coincidência. Acho que isso está muito ancorado em uma tradição antiga nos espaços de mulheres queer, de compreender nossa sexualidade e nossas relações íntimas, todas as relações, por meio de uma ética feminista.

Coletivo: A maneira afetiva por meio da qual você se dirige às mulheres heterossexuais lembrou a muitos de nós o método da leitura reparadora proposto por Eve Sedgwick (2020). Ao contrário da leitura paranóica, motivada pela suspeita e ansiedade, a leitura reparadora seria um gesto de abertura para aceitar os limites e as complexidades dos textos e das pessoas que se tenta compreender. Você pensou sobre isso enquanto

escrevia *The Tragedy...*? Falando de maneira mais geral, como você vê a importância das leituras reparadoras na teoria queer e em outras tradições críticas na academia?

Jane Ward: Sim, obrigada por essa pergunta. É uma conexão realmente fascinante e eu não pensei sobre isso, mas eu gosto da ideia. Além de acadêmica, sou uma organizadora comunitária e sou atraída por esse trabalho porque tenho um apego à vida, ao nosso futuro compartilhado, à luta pela liberação coletiva, uma forte crença nos movimentos que acabei de mencionar, como aqueles que lutam por uma justiça transformativa em vez de reprimendas e humilhações públicas, ou arrogância intelectual, ou críticas mesquinhas, ou interpretações das intenções das pessoas. Na minha opinião, todas essas são práticas de não-descartabilidade (*non-disposability*) feministas e de pessoas negras, indígenas e outras pessoas racializadas (*Bipoc - Black, Indigenous, and People of Color*). Eu penso sobre leituras reparadoras através dessa lente e acho que a maioria dos mais recentes textos de estudos queer apontados como exemplos de leitura paranóica, como aqueles de Lee Edelman, foi escrita por homens gays brancos. Bem, eu queria que este livro fosse, como disse antes, uma oferta amorosa, eu queria convidar as pessoas heterossexuais. Não sei se fui bem-sucedida, mas espero que sim. Essa foi a minha intenção.

Coletivo: Você fala sobre o paradoxo da misoginia como um dos muitos problemas da heterossexualidade moderna. Para os homens heterossexuais, a transição entre "mulher como subordinada degradada" para "mulher merecedora de amor profundo" nunca foi concluída e nossa sociedade patriarcal continua a estimular comportamentos tóxicos. Como você relaciona o paradoxo da misoginia ao medo de perder o poder sentido por muitos homens heterossexuais na sociedade contemporânea? Por que amar mulheres é visto como uma ameaça à masculinidade e, eventualmente, ao patriarcado?

Jane Ward: Afsaneh Najmabadi (2005), que eu cito bastante no livro, escreve de forma clara e brilhante sobre isso em seu livro sobre heterossexualidade no Irã. Basicamente,

se você realmente ama as mulheres, se importará com seu bem-estar coletivo, status político e econômico. Então, se os homens amam as mulheres, podem ser considerados traidores do patriarcado. Najmabadi explica em detalhes a forma como essa transição se desenrola no século XIX no Irã, e por isso fiquei muito inspirada por esse livro. O que tento fazer é seguir esse modelo e aplicá-lo aos Estados Unidos. Basicamente, há um investimento patriarcal em definir o amor dos homens pelas mulheres como profundamente individualizado e apolítico, de forma que pensamos sobre o amor romântico como um homem e uma mulher que se encantam um com o outro e para os quais o contexto político é ostensivamente irrelevante. Contamos uma história sobre como o amor dos homens por mulheres é uma espécie de força protetora ligada à sua masculinidade e ao seu instinto de proteger suas posses. Até mesmo algumas organizações que se dizem feministas, organizações de homens, fazem campanhas pautadas por ideias tais como "homens verdadeiros não estupram mulheres" ou "homens verdadeiros usam sua masculinidade para proteger as mulheres". É assim que o paradoxo da misoginia é manejado: mulheres individuais se tornam dignas de amor protetor, dignas de desejo sexual e dignas de gratidão por seu serviço – porque sabemos que as mulheres fazem muitos serviços para os homens. Mas são os próprios homens que continuam dignos de um amor coletivo que nasce do respeito e da solidariedade entre os homens. E acho que essa é a tensão central na cultura heterossexual no século XXI. Homens héteros afirmam amar mulheres, mas esse amor é realmente frágil e limitado. O que eu tento fazer é estimular os homens a pensarem sobre amor e desejo heterossexual ao nível coletivo, como seria se os homens realmente investissem no bem-estar e liberdade das mulheres, e não apenas em extrair o que podem de uma mulher específica.

Coletivo: Achamos brilhante que você proponha um surpreendente redirecionamento de vetores no trabalho de libertar a heterossexualidade da misoginia. Em vez de confrontar

as normas do regime heterossexual, você convoca os homens heterossexuais a se voltar ainda mais para sua profundidade, para a profundidade da heterossexualidade, reconhecendo que a heterossexualidade é uma escolha (e reconhecendo sua agência nesse contexto) para verdadeiramente desejar e gostar de mulheres, sexual e politicamente. Você lhes traz a “sabedoria da experiência sapatão” sobre como realmente gostar de mulheres: a atração por corpos gordos, com cicatrizes e marcas de idade. Mas sabemos que o desejo também é produzido pela cultura, nas suas múltiplas formas de produção de subjetividade. Então, quais caminhos os homens heterossexuais podem percorrer para produzir novos modos de subjetivação, ou seja, para realmente gostarem de estar com mulheres, admirá-las e se identificar com elas, apesar de viverem em uma cultura que incita o ódio às mulheres e aos seus corpos?

Jane Ward: Essa pergunta me dá vontade de chorar... O que pode acontecer é uma prática de reorientação feminista voluntária por parte dos homens, uma recodificação dos corpos das mulheres e uma recodificação de seus próprios desejos. Eu sei que isso é possível, quer dizer, sabemos que isso é possível porque as pessoas queer recodificam o corpo a todo momento. Em uma relação sexual com uma pessoa não-binária ou trans, digamos que ela seja uma pessoa identificada do sexo masculino e tenha uma parte do corpo que algumas pessoas chamariam de vagina, mas você chama de pau porque você recodificou o corpo de uma forma que honra a maneira pela qual aquela própria pessoa percebe seu corpo. Você aprende ao longo do tempo a interagir com o corpo queer de maneira negociada entre os envolvidos e como uma forma de resistência às histórias e aos julgamentos reducionistas que a sociedade, de maneira geral, inflige sobre esse corpo. Realmente acredito que homens comprometidos com a política feminista e que se cercam de mídia feminista, amigas feministas e por uma diversidade de corpos femininos não só podem fazer uma escolha voluntária de reorientação, mas também podem mudar o significado dos estímulos visuais que estão enxergando, para que de fato estejam em um relacionamento com o que as mulheres realmente parecem. Homens

feministas podem recodificar a gordura corporal, pelos corporais, sinais de envelhecimento. Outra razão pela qual sei que isso é possível é minha própria vida. Quando jovem, não me identificava como Lgbtq, só saí do armário aos 22, 23 anos. E encontrei em algum momento meu diário da escola, e um dos trechos era sobre como eu estava andando na rua com meu namorado e vimos um casal lésbico de mãos dadas, e eu falava sobre como isso era nojento, como era repulsivo para mim. Acho que eu tinha, não sei, talvez 16 anos. Reclamando demais, provavelmente queria ficar com elas [risos]. Eu tinha internalizado completamente o olhar heteronormativo, era como sentir-se muito repugnada por uma estética lésbica. Depois, mais tarde, fui para a faculdade e comecei a fazer cursos de estudos de gênero e estudos feministas. Não foi "ah, eu estou despertando para o fato de que eu sempre tive um desejo por vaginas". Foi mais como "meu Deus, eu posso ter mais agência sobre minha sexualidade e escolher só ter relações sexuais com pessoas que são feministas, só ter relações sexuais com pessoas que tenham boa política feminista e que não vão dizer algo constrangedor no meio da relação sexual ou me generificar de uma maneira que eu não vou gostar...". Para mim, foi assim que a *queeridade* começou. Eu percebi que eu estava atraída pelo feminismo e em minha mente era como "bem, poderiam ser mulheres ou poderiam ser homens". Mas o fato é que não há muitos homens realmente feministas e, uma vez que meu desejo estava interligado de várias maneiras com minha política feminista, isso significou reorientar-me para mulheres, homens trans e pessoas não-binárias que eram bons e boas feministas. O que estou dizendo é que há muito espaço para os homens feministas adotarem um projeto político de realmente interrogarem seu próprio desejo e experimentarem como seria reconfigurar esse desejo. Eu realmente acho que os homens heterossexuais precisam ter conscientização de que seu desejo por mulheres magras, jovens, sem pelos, é realmente transformável, pois é cultural e historicamente específico. Tem que haver uma compreensão de que o desejo e a corporalidade são sempre culturais e que se alinhar com a cultura feminista ou queer é uma convocação

para trabalhar com a neuroplasticidade do cérebro – não sei se quero entrar nesse terreno, mas é definitivamente uma convocação para um realinhamento de desejo.

Referências

- KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- NAJMABADI, Afsaneh. *Women with Mustaches and Men without Beards: Gender and Sexual Anxieties of Iranian Modernity*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você. **Remate de Males**, v. 40, n. 1, p. 389-421, 2020.
- WARD, Jane. Dyke methods: A meditation on queer studies and the gay men who hate it. **WSQ: Women's Studies Quarterly**, v. 44, n. 3, p. 68-85, 2016.
- WARD, Jane. **Not gay: Sex between straight white men**. Nova Iorque: NYU Press, 2015.
- WARD, Jane. **The Tragedy of Heterosexuality**. Nova Iorque: NYU Press, 2020.

The Tragedy of Heterosexuality: A conversation with Jane Ward

Abstract: Interview with Jane Ward, Professor of Feminist Studies at the University of California Santa Bárbara, conducted in 2021 by the transdisciplinary studies collective Héteras Trágicas. In *The Tragedy of Heterosexuality* (2020), his latest book and the main theme of this interview, Ward investigates the issues related to the heterosexual experience in the 21st century and what heterosexual people can do to reinvent their bonds of intimacy, love and desire.

Keywords: heterosexuality; queer studies; gender studies.

Recebido: 10/02/2023
Aceito: 14/05/2023